

DEP. LEG.

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. Não se devolvem os originais. Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 20 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2380

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1921

A situação do Algarve é igual à das outras províncias do país

O Algarve tem neste momento concitados todos os olhares do país. A situação de miséria que atravessa a laboriosa população da província provocou uma grande sensação de piedade. Na verdade, é digna de melhor sorte uma província tão riquíssima outrora e hoje tão paupérrima.

Mas não é só no Algarve que se morre de fome. Não é só no litoral, em virtude da falta de pescado, que não há que comer, que a população atravessa uma existência de confrangida miséria.

Há outras províncias não banhadas pelo mar, e por consequência onde os galões espanhóis ainda não fizeram mossa, em que a fome tem os mesmos cambiantes de tragédia.

Na província da Beira, onde a indústria têxtil marcou pelo seu desenvolvimento, a crise de trabalho assumiu proporções gigantescas, cingindo no seu círculo destruidor milhares de trabalhadores. Na Covilhã, especialmente, o quadro é dum tonalidade impressionante. Há cheques de família nessa cidade que há longos meses não ganham um centavo.

Na província do Douro o quadro também é perturbador. As principais indústrias foram fundamentalmente atacadas e o chômage abriu grandes sulcos na economia do operariado.

Particularmente no Porto é onde o quadro tem toda a sua euritmia. Há indústrias que quase cessaram a laboração e outras laboram parcialmente.

Nas sete províncias de Portugal com menor ou maior densidade humana, cuja causa particular é a crise de trabalho.

E essa crise de trabalho tem as suas determinantes nos mesmos factores.

Logo a solução a adoptar para uma província, é a solução a adoptar para as outras províncias.

O presidente do Ministério disse ontem, à comissão de representantes dos organismos económicos do Algarve, que iria proceder com energia e rapidez para debelar a crise que afecta aquela província.

Mas essas medidas para serem completas não podem restringir-se ao estabelecimento de severas sanções a aplicar aos espanhóis que pesquem fora do limite estabelecido. Essas medidas devem ser mais amplas, porque mais amplas são as causas da crise.

E o governo está disposto a criar essas medidas?

Não pretendemos duvidar das declarações do general Carmona, mas parece-nos que atacar o problema a fundo não é obra da competência de um governo.

Sim, porque, afinal, a solução da crise de trabalho é muito outra e os leitores já a conhecem porque tem sidoposta por nós em época de calmaria.

Saúlando uma educadora

A comissão escolar da Associação do Pessoal dos Tabacos, na sua última reunião, exarou na acta, respectiva um voto de saudação pela forma energética e decidida como a ilustre professora D. Vitoria Pais combateu, no Congresso Pedagógico, o ensino religioso nas escolas particulares, atitude esta que a enobrece pelo espírito liberal que demonstra manifestando-nos uma época que o jesuitismo ameaça entrometer a humanidade.

Mais resolvem a comissão escolar endear saudações áquela senhora e testemunhar-lhe o seu preito de gratidão, dando-lhe todo o apoio moral e material que esteja ao seu alcance.

A Secção Profissional dos Serventes de Pedreiro, reunida em assembleia geral, aprovou uma saudação à professora D. Vitoria Pais.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919, e respectivo regulamento, publicado no Diário do Governo, de 10 de Maio, sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 45\$00. As simulações que desejem adquirir quantificada farão-lhe um abatimento de 50 por cento em preços de 50 folhetos.

Pedidos à redação de A Batalha

Recomeçaram os trabalhos para a instalação do ascensor da Bica, esperando-se que estejam terminados dentro de poucos dias. Se assim for, o ascensor começará a funcionar no próximo dia 15.

Os carros são mais pequenos do que os usados nos outros ascensores da capital, visto a extensão a percorrer possuir um grande declive e portanto ser mais fácil quebrarem-se os cabos, e, consequentemente, haver desastres, como antigamente acontecia.

CARTA DO PORTO

O amor pelo próximo conduz à perseguição feroz da bolsa dos transeuntes

PORTO, 1.—Não se pode dizer que os pobres não estejam ilaqueados de excelsos e solícitos amigos. Se continuarmos neste ascendente lisongeador de amizade pela pobreza da nossa terra, somos a dizer que aquilo a pouco o pauperismo pode deixar-se a vontade que todas as coisas essenciais à existência lhe irão trazer a casa.

Pela primeira vez se operará a miraculosa lenda do dinheiro cair pelas telhas do teatro. A energia já pouco abundava nos indivíduos infelicitados para que eles reclamassem da sociedade uma maior atenção pelos seus direitos à vida. Mas da maneira esmolante como se está encarando os diversos factores que complicam a boa harmonia económica entre todos os agregados humanos, a pouca actividade dinâmica das criaturas que sórem as designações sociais vai-se findando na esperança de que alguém, ainda, com a sua ação benevolente, a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria. Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

Neste anelocismo de nervos vão-se integrando, endemicamente, as inúmeras viaturas da falta de trabalho...

O vício de pedir já não constitui sólamente uma degradante necessidade — tornou-se também uma moda, um *flirt*, uma atitude chic para os melhores *apêtons* simétricos das fotografias e para as más inspiradas locubrações paridórias de crónicas sobre a água de Andaluz, que há pouco mais dum ano tão vivamente trouxe apaixonada a opinião pública, volta a dar motivo para abundante prosa.

Há um ano foi a opinião do analista Charles Lapierre que deu aso ao charivari. O conhecido bacteriologista asseverou que a água era imprópria para o consumo, afirmou mesmo que o precioso líquido continha matérias nocivas à saúde.

E o povo, como que a não desmentir o velho aforismo de que «o fruto proibido é o mais apetecido», não ligou importância a encerlar-lhes a escudela com os resquícios da filantropia burguesa—ou da própria miséria.

<p

A Câmara Municipal vai pôr a concurso um empréstimo de 500 mil libras

O vereador das finanças já conseguiu que a comissão administrativa aprovasse integralmente o seu projeto de condições para o concurso que vai ser aberto sobre um empréstimo ao município, por meio de obrigações, na importância de 500 mil libras, ou sua equivalência, em ouro, numa qualquer moeda.

Segundo o projecto, o concurso é aberto pelo prazo de 45 dias a contar da data do respectivo anúncio. Os concorrentes apresentarão as propostas às quais são abertas em dia que será previamente anunciado e na presença dos concorrentes. Estes no acto da entrega das suas propostas, farão na Caixa Geral dos Depósitos o depósito provisório à ordem da Câmara. O depósito poderá ser substituído por um Banco que mereça a confiança da Câmara.

As propostas deverão indicar a taxa de juros que não poderá ser superior a 8%, ao ano e qual a percentagem que é tomada cada obrigação, o prazo de amortização será de 30 anos e, finalmente, a declaração de que é aceito o constante das bases do concurso. A Câmara pronunciar-se-há sobre as propostas em sessão plenária, e dentro do prazo máximo de 10 dias, fazendo-se a adjudicação ao proponente que melhores vantagens oferecer. A Câmara, todavia, reserva-se o direito de não fazer a adjudicação, se, porventura, essa proposta ainda não satisfizer aos interesses da mesma Câmara.

Seguidamente à realização da sessão da Câmara em que as propostas forem apresentadas, os concorrentes a quem não for feita a adjudicação, poderão levantar o depósito. O concorrente a quem for feita a adjudicação depositará num Banco a escolla e ordem da Câmara Municipal a importância por que for tomada a totalidade das obrigações representativas do empréstimo, e não o fazendo o adjudicatário perderá o direito ao depósito provisório.

Todas as despesas com a emissão das obrigações bem como com a sua cotação no estrangeiro correrão por conta do grupo financeiro. O serviço do pagamento de coupons e obrigações sorteadas poderá ser feito directamente pela Câmara ou por intermédio dum Banco nacional ou estrangeiro, sendo neste caso, mediante a comissão de 1% sobre as importâncias pagas pelo mesmo Banco. A Câmara dá como garantia do empréstimo todas as suas receitas ordinárias e, em especial o produto dos adicionais sobre as Contribuições directas do Estado.

Resta aguardar os benefícios que Lisboa vai aproveitar de tudo isto...

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, - Preço, 50. - Pedidos à administração de *A Batalha*.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Excursionista «Os Conimbricenses». Reúne hoje, pelas 19,30 horas, na rua Alves Correia, 44, os elementos inscritos nesta colectividade, podendo também assistir a esta reunião todos os elementos que dela queiram fazer parte.

Toda a correspondência deve ser dirigida a António Dias Raimundo, rua Alves Correia, 44, Lisboa.

Pregão de revolta

Carta-proteso, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de *A Batalha*.

TIVOLI

TELEFONE N. 5474

A's 21 horas

Amor Pátrio

Episódio dramático em dez partes, da Guerra da Independência da América, com LIONEL BARRYMORE — Encenação de D. W. GRIFFITH

O que querem as esposas

Comédia-drama em cinco partes, com ETHEL GREY TERRY e RAMSEY WALLACE

REVISTA MUNDIAL

tipou, o que eu reputo tão difícil como dar a uma pedra o dom das línguas.

Ora, se Deus queria exterminar a humana, porque a não achava em termos, tinha, como já disse, um meio fácil. Era matá-la, sem outro expediente, que o vulgarmente conhecido: por uma peste ou por um terremoto, que desmorasse ou soterrasse tudo.

Era preciso depois repovoar a terra? Nada mais fácil ao Senhor.

Pois não tinha ele já realizado um acto semelhante? Não criou ele, com o esforço apenas de uma simples palavra, todos os viventes da terra?

Para que foi pois tóda essa balbúrdia de fugas e gritos, de animais que subiam os montes, de mulheres que lutavam nas ondas, com os filhos apertados de encontro ao coração, se bastava um simples desejo do Senhor, para que tudo se aniquilasse de repente, sem nenhuma das tais scenas dolorosas que só serviriam para depor contra as que provocasse?

* * *

Quanto ao facto de ter ou não havido ditíulos parciais e em épocas diversas, pela deslocação dos oceanos, isso é outra coisa, a que não vou chamar o meu censor, pelo simples motivo de não saber se ele querer continuar a discussão ou se já avança para mim, com a mão estendida, a confessar a sua ingenuidade, por ter vindo à estacada, em vez de uma caçauque há séculos a teologia tenta ressuscitar em vão...

Tomás da FONSECA

O EDUCADOR

Por EMILIO ZOLA

A sua longa experiência ensinara-lhe que o saber não era nada, se não o compreendesse e se não pudesse utilizar os conhecimentos adquiridos. Por isso, sem excluir o livro, ficava sendo a base, a palavra escrita, dava o maior desenvolvimento à explicação oral, à lição vivida e viva. Era nisto que o seu dom inato de professor causava maravilhas, como se as lutas e os sofrimentos opositos, toda essa tempestade em que acabava de envelopar, o tivessem aproximado mais dos pequeninos e dos húmildes, feliz de voltar outra vez às suas inteligências principiantes, tão frescas, tão avidas de certeza. Nunca brincara tão alegremente com eles, nunca fôr tão condescendente com os seus procedimentos, como irmão mais velho, que parecia ter esquecido até as letras para ter o prazer de aprender-las outra vez, solteando-as uma por uma, ao mesmo tempo que os rapazinhos de seis anos. Da mesma maneira para a gramática, para a aritmética, para a história e geografia, parecia fazer descobertas pessoais, procurava a verdade com os seus discípulos, como se nunca a tivesse possuído; acabava por maravilhar-se ao achá-la, graças ao auxílio d'elles; e isto apaixonava cada lição, os alunos interessavam-se como na brincadeira mais divertida, adorando-o a ele próprio por ser assim um tão bom conselheiro.

Obviamente que pretendia levar à prática uma obra de Solidariedade efectiva e permanente, aos filhos dos presos da luta de classes em Portugal, apela para todo o proletariado, no sentido de que o mesmo secunde o seu trabalho a-fim-de poder prestar às pequenas vítimas da burguesia o seu carinhoso auxílio de classe, afastando-as do meio deletério em que vivem e acorrendo a este passeio, que serve a angariar as receitas necessárias para esse cometimento.

O passeio será feito a bordo das embarcações dos Catraciros e Fragateiros, que as cederam gratuitamente para este fim, realizando-se o embarque às 7 horas da manhã, no Terreiro do Paço, e regressando às 20 horas.

Obviamente que se quer desfrutar das crianças pelo calor da simplicidade; basta amá-las para conseguir ser ouvido e compreendido. Além disso, tratava de lhes fazer viver o que lhes ensinava, explicava-lhes, nos campos, os trabalhos da terra, levava-os a casa dos marceneiros, dos pedreiros, para lhes dar as primeiras noções exactas sobre os ofícios manuais. Na sua opinião, a ginástica devia confundir-se com as brincadeiras; os recreios eram naturalmente consagrados aos exercícios do corpo. Fazia-se também de justiça: pediu aos seus discípulos que lhe submettessem todas as suas desavenças, e punha um extremo cuidado em dar sentenças inatacáveis, aceitas pelas duas partes, porquanto não tinha somente uma fé absoluta na força benfazeja da verdade sobre os cérebros juvenis, mas sobretudo convencido da necessidade da justiça, para os satisfazer e os amadurecer. Pela verdade, pela justiça, para chegar ao amor.

Uma criança, a quem nunca se mente, e que se trata sempre justamente, torna-se um homem afectuoso, razoável, inteligente e sábio. Era por isso que ele tanto viglava os livros, que os programas o obrigavam a pôr nas mãos dos seus discípulos, sabendo como os melhores, mesmo os escritos com excelentes intenções, estão ainda cheios de seculares mentiras, das grandes iniquidades consagradas pela história. Se temia as frases, as palavras, cujo sentido escapava aos seus pequenos campesinos, e se se esforçava por traduzi-las em palavras simples e claras, receava misericórdias lendas perigosas, dos erros tornados artigos de fé, das ligações abomináveis dadas em nome de uma religião mentirosa e de um falso patriotismo.

Entre os livros escritos pelos religiosos para as escolas dos Irmãos e os que certos universitários redigiam para as escolas laicas, não havia muitas vezes diferença alguma, encontrando-se os erros voluntários dos primeiros textualmente reproduzidos nos segundos; e como não havia de intervir, para esclarecer-lhos, expurgá-los pelas suas explicações orais, etc., cuja única obra era arruinar o ensino congreganista, fêz de toda a mentira e de toda a miséria?

Durante quatro anos, Marcos e Genoveva trabalharam modestamente, poderosamente. No seu estreito domínio, procuravam fazer, em silêncio, o mais possível, a sua boa obra.

As gerações de crianças sucediam-se, e declaravam que bastariam cinquenta anos para renovar o mundo, se cada criança, ao tornar-se um homem, trouxesse um pouco mais de verdade e de justiça. Por certo, o esforço de quatro anos era ainda pouco sensível. Contudo, rejugulavam pelos bons sintomas que já se produziam: o futuro germinava das terras fecundas, valorosamente semeadas.

Desastre numa pedreira

No Posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado e fez para casa, António Pinto, de 46 anos, natural do Porto, trabalhador, residente no Alto de Sete Moinhos, que caiu numa pedreira, próximo de Monsanto, ficando ferido na cabeça.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

José Sereino

Da Morgue sae hoje pelas 8 e 1/2 horas, para a estação do Rocio, afim de seguir no comboio das 9,40 para a estação de Sant'Ana, de onde segue para o cemitério da freguesia do casal do Ouro (Cartaxo) o funeral de José Ferreira Sereino, aquele carpinteiro que, como noticiámos, foi naquele localidade agredido a tiro por seu filho Vitor Sereino que se encontra preso na cadeia do Cartaxo.

Agostinho Dias

Na enfermaria de S. Fernando do Hospital do Desterro, faleceu ontem Agostinho Dias, de 61 anos, natural de Hespanha, aquele caboneiro residente na Estrangeira de Cima, 12 r/c, que como noticiámos, foi, no dia 27 último, colhido por uma pedra numa pedreira da rua da Cruz a Alcantara. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária respectiva.

Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispensado por todos os seus servidores. Jornal operário, por e para trabalhadores feito, *A Batalha* carece de muitas e grandes dedicações que de tóda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o élite que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informes, no que prestarei um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

Quanto ao facto de ter ou não havido ditíulos parciais e em épocas diversas, pela deslocação dos oceanos, isso é outra coisa, a que não vou chamar o meu censor, pelo simples motivo de não saber se ele querer continuar a discussão ou se já avança para mim, com a mão estendida, a confessar a sua ingenuidade, por ter vindo à estacada, em vez de uma caçauque há séculos a teologia tenta ressuscitar em vão...

Tomás da FONSECA

UMA INICIATIVA QUE MERCE APOIO

Vai realizar-se um grande festival em favor dos filhos dos presos por questões sociais

Realizar-se-há no dia 5 de Setembro próximo um grandioso passeio fluvial ao Pôrto Brandão, em benefício da criação da Colónia Infantil do S. V. e organizado pela comissão de socorro às crianças.

Esta comissão, que pretende levar à prática uma obra de Solidariedade efectiva e permanente, aos filhos dos presos da luta de classes em Portugal, apela para todo o proletariado, no sentido de que o mesmo secunde o seu trabalho a-fim-de poder prestar às pequenas vítimas da burguesia o seu carinhoso auxílio de classe, afastando-as do meio deletério em que vivem e acorrendo a este passeio, que serve a angariar as receitas necessárias para esse cometimento.

O passeio será feito a bordo das embarcações dos Catraciros e Fragateiros, que as cederam gratuitamente para este fim, realizando-se o embarque às 7 horas da manhã, no Terreiro do Paço, e regressando às 20 horas.

Obviamente que pretende levar à prática uma obra de Solidariedade efectiva e permanente, aos filhos dos presos da luta de classes em Portugal, apela para todo o proletariado, no sentido de que o mesmo secunde o seu trabalho a-fim-de poder prestar às pequenas vítimas da burguesia o seu carinhoso auxílio de classe, afastando-as do meio deletério em que vivem e acorrendo a este passeio, que serve a angariar as receitas necessárias para esse cometimento.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Socorro Vermelho, rua dos Fanqueiros, 300, 2.º, todas as noites, e durante o dia, no livreiro das Escadinhas de Santa Justa, e na administração de *A Batalha*, bem como em todas as celulas do S. V. ao preço de 5\$00, sendo gratis a passagem das crianças até 10 anos.

TEATROS

Portugal na Califórnia

Amanhã, às 16,30 horas, será projectado no ecran do Salão Central um film em seis partes que se denominará «Portugal na Califórnia», produzido pelo sr. Angelo da Costa Carvalho, com motivos e dados históricos fornecidos pelo consul de Portugal São Francisco da Califórnia.

Para esta sessão foram convidados os membros do governo e do corpo diplomático e a imprensa.

Na peça «Se eu quisesse...», em cena no Nacional e cujo triunfo é inatacável, por ser demasiado sabido, ao lado da ilustre actriz Ilda Stichini, que nela tem uma das suas maiores coras de artista, e de Alexandre de Azevedo, perfeccionado no seu belo trabalho, fulgura o talento forte, a figura dominante do distinto actor Raúl Carvalho, no papel de «Berthier», que ele desempenha com o maior brilho e o mais ascendendo culto pela Arte, colocando-se nessa peça numa das maiores posições do nosso teatro e ficando bem junto de dois artistas firmados e consagrados pelo público. «Se eu quisesse...» que é, agora, o grande sucesso, repe-te hoje.

A comédia espanhola Juila de Isla, que ontem se estreou no Teatro Salão Foz, mereceu os aplausos que o público lhe tributou em todos os seus números. Continua em pleno sucesso a grande bailarina Clárita Carbonell. Em todas as «matinées» e «soirées» são exibidos interessantes films.

As ruas de Lisboa

O alcatraamento das avenidas

A edilidade militar mantém a sua resolução, que importa à falta de competência técnica e moral do empreiteiro do alcatraamento das avenidas que vão desde a Praça do Campo Grande. Vai ser aberto, por consequência, novo concurso para alcatraamento das referidas arterias, modificando-se as condições económicas e técnicas que existiam.

O pagamento da rua 24 de Julho

Têm decorrido morosamente e em meio de enormes dificuldades os trabalhos de aperfeiçoamento da rua 24 de Julho. A pensar no numero pesssoal que a vereação diz haver nas repartições competentes, decidiram-se que sejam contratados dois engenheiros militares a-fim-de organizar e inspecionarem os serviços da 3.ª Repartição, e bem assim um engenheiro maquinista da Armada com prática de serviços em Arsenais, a-fim-de dirigir as oficinas gerais do Municipio, ultimamente criadas em dependência da 3.ª Repartição. Vão ser intensificados os trabalhos de renovação completo do pavimento e modificação de trânsito da rua 24 de Julho. Ao longo dessa importante arteria encontravam-se numerosos quiosques de exploração comercial que deviam ser condonados a todos os respeitos, especialmente por embarrancar o trânsito comprometendo as obras projectadas naquela via pública. Em vista do exposto vão ser intimados os proprietários desses quiosques a remove-los dos respectivos locais até ao final do ano corrente, dando-selhes, sendo possível, a compensação de outros locais para o seu negócio, quando realizar instalções decentes e com pessoal limpo e trajado, o que era raro.

Edições de "A Semelhante"

Práticas neo-maltusianas \$50
O sentido em que somos anarquistas \$30
A peste religiosa \$40
A Liberdade \$50
A Internaciona (música e letra) \$30
Pedidos à BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

A série vertiginosa

Três colhidos como se nada fosse...

No Banco do Hospital de S. José, receberam curativo e foram para casa: Luís António, de 24 anos, natural e residente em Paia, que, em Odivelas, foi atropelado por um automóvel, ficando ferido nos joelhos. Augusto Henrique da Silva, de 24 anos, natural de Cela, marinheiro da Armada, ruas António Pedro, 52, que foi atropelado por um automóvel, na rua da Boa Vista, ficando ferido na cabeça. José Coelho, de 47 anos, trabalhador, residente na rua Nova do Almada, 46, atropelado na rua Garrett, por um automóvel, ficando contuso no torso.

MARCO POSTAL

Reguengos de Monsaraz, — J. P. Caldeira, — Recebemos 6\$00. Assinatura paga até 31 de outubro, p. f.
Corvijas, — M. J. Lopo, — Recebemos 10\$00. Pagou a assinatura do correto restante do auxílio ao jornal, será publicado na devida altura.
Afte, — E. S. Luis, — Recebemos 57\$00. Assinatura paga até 31 de janeiro, p. f.
S. Paulo, — J. P. da Costa, — Recebemos Istra de 100\$00 que levámos a crédito de sua conta.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	2\$99	
Paris, cheque	\$59,5	
Suica	37\$85	
Bruxelas cheque	55\$	
New-York	195\$8	
Amsterdão	78\$5	
Itália, cheque	71\$	
Brasil	30\$5	
Praga	58\$	
Suecia, cheque	52\$4	
Austria, cheque	27\$7	
Berlim,	46\$7	



ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

FÁBRICA
cadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C. a
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora
Sapatos em vermelho
Botas pretas (grande salão)
Botas brancas (salão)
Grande salão de botas pretas
Botas de cor para homens

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
Outras casas.

Ver também, pois só lá encontrará bons bairros.

A Social Operaria é na Rua das Carmelitas,

18-24, com Fábrica na mesma rua, n.º 45.

CINEMAS

Tivoli — Central — Condes — Chiado — Teatro —

Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Te-

atro — Cine Paris.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões — Dr. Armando Nar-

ciso — A 5 horas. Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Müns, flas arturinas — Dr. Miguel Magalhães — 10

horas.

Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às

2 horas. Doenças nerossas, electroterapia — Dr. R. Loff-

2 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Gastrite, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira —

12 horas.

Fadigas e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 h.

Doenças das mulheres — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Massa — 12 ho-

ras.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma —

5 horas.

Dentes e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Câncer e radio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Kilo X — Dr. Alvaro Salazar — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriel Beato — 1 hora.

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja

A Evolução legal e a amariga

Conselhos Correia — A Felicidade de

todos os seres na Sociedade

Futura

José Prat — A burguesia e o prole-

tariado

A necessidade da Associação

Content — Contra o confusionalismo

Alfredo Neves Dias — Razão (poem-

to social)

Ernesto da Silva — Teatro livre e

Arte Social

Laudau — Social Democracia

R. Mota — O princípio do fim

... A Maçonaria e o proletariado

... A morte — Peste religiosa

João P. do Rio

Definições sociais

Horas anárquicas (versos)

... Carnet de Pensamento

J. Bakunine — O sentido em que so-

mos anarquistas

Choca — Como não ser anarquista

Lázaro — A Liberdade

Herrant — A minha defesa

Kropotkin

Os basicidores da guerra

Mortal anarquista

O espírito revolucionário

O Estado e seu papel histórico

J. Sades — Lei dos Salarinhos

Kriado — A greve geral

Refand — Russia Nova

... O sindicalismo e os intelectuais

D. Carvalho — A gestão sindical no

período revolucionário

A. Hamon — A crise do socialismo

J. Santos — A transformação da

sociedade

Nuno Vasco

Georgicas

Greve de inquilinos, teatro

... Proletariado Histórico

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

A BATALHA

O SINDICALISMO EM MARCHA

Um importante parecer da Câmara Sindical de Trabalho de Lisboa sobre os trabalhos a realizar por aquele organismo

O conselho de delegados da C. S. T. vai ser apresentada, entre outras propostas a a realizar de um congresso extraordinário dos Sindicatos de Lisboa

A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa tem estado, mercê de várias e conhecidas circunstâncias, numa grande apatia que não se compadece com a situação do operariado.

Alguns trabalhos importantes, de que dependia a melhoria de situação das classes trabalhadoras, não têm sido levados à prática em virtude dessas circunstâncias.

Porém, na última reunião do Conselho de Delegados da Câmara Sindical foi nomeada uma nova comissão instaladora, composta de vários elementos de grande valor pela sua persistência e tenacidade, e o organismo central do operariado de Lisboa parece ir entrar numa fase de grande actividade.

Com esta atitude só terá a ganhar o operariado que deposita naquele organismo toda a sua confiança.

Essa comissão instaladora, como inicio, defineu já os trabalhos a levar à prática, que se encontram consubstanciados no seguinte parecer:

A actual comissão instaladora da Câmara Sindical do Trabalho ao aceitar a sua nomeação pesou bem as responsabilidades que lhe imputava uma tal nomeação.

O esforço verdadeiramente de desorganização em que vimos encontrar esta Câmara não nos surpreendeu. De há muito o conhecemos, bem como as suas causas. E se consentimos em ser nomeados para a árdua tarefa de que não exige neste momento a causa do proletariado foi por havermos constatado que últimamente essa desorganização se acentuava numa maneira mais acelerada, mercê de personalismos e interesses condenáveis que se sobreponham ao amor e ao espírito de sacrifício devido por todos os militantes à organização operária.

Cá estamos dispostos a enfrentar o trabalho de reconstrução orgânica e numa razão direta da vitalidade combativa do proletariado.

Sem mais considerações preambulares entremos em matéria prática de trabalhos.

Organização

E éste um dos assuntos mais difíceis que esta comissão tem de procurar dar solução.

A crise de trabalho, a confiança das massas na organização e na ação dos seus militantes perdida por erros e falta de visão constatados levavam ao abandono dos sindicatos, originando-lhes assim condições de vida difícil que por sua vez se reflectiram na actividade desta Câmara. O abandono de alguns sindicatos e ainda a não adesão de outros gerou a grave crise financeira que actualmente esta Câmara atravessa e que sem a deles jâmais poderia entrar no caminho de trabalhos amplos e práticos. E assim esta comissão partindo do princípio de que sem o concurso das massas e recursos financeiros não há possibilidades de trabalhos profícuos, julga:

1.º Aconselhar que todos os militantes se lancem ao trabalho nos sindicatos procurando reconquistar, por uma actividade intensa e espírito de sacrifício sem limites, a confiança das massas.

2.º Desenvolver uma activa propaganda sindical em todos os sindicatos; estar em contacto directo com os seus corpos diretivos e demais militantes, incutir-lhes ânimo, inquirir das suas dificuldades de organização, causas da desorganização, se existir, procurando anular-las ou attenuá-las.

3.º Reorganizar os sindicatos que se encontram desorganizados.

4.º Aconselhar aos sindicatos, que dispensável a um bom trabalho de organização, a criação de comités ou delegados por locais de trabalho.

5.º Procurar conseguir a adesão de novos sindicatos e a recondução dos que já saíram.

Crise de Trabalho e Horário de Trabalho

Incluímos estes dois assuntos no mesmo capítulo, porque se na aparência se apresentam distintos elos têm contudo pontos de contacto e por vezes tão íntima ligação que ser-nos ia impossível, fora do seu conjunto, estudá-los e indicar-lhes solução.

Não temos, evidentemente, a estulta pretensão de neste ligeiro esquema de trabalhos estudar este assunto, tão vasto como complexo, e apresentar-lhe solução completa. Só entende de que a crise de trabalho, que tão dolorosamente atecta as classes laboriosas, atinge nos seus efeitos a própria organização, queremos tão sómente dar inicio a um estudo sério que habilite a C. S. T. a indicar uma solução energética capaz de a detubar.

Além das causas fundamentais da crise outras ha secundárias que concorrem para o seu agravamento.

O desrespeito pelo horário de 8 horas

Esta causa pode e deve ser já combatida. Sabemos que a maior parte dos sindicatos têm descido a fiscalização nas suas respectivas indústrias uns por princípios, por descrever outros.

Baseados na experiência, especialmente na Construção Civil e Empregados no Comércio que têm curado a sério da fiscalização e onde têm dado óptimos resultados a pesar de serem duas das classes mais atingidas pela crise, esta comissão aconselha

PROPAGANDA SINDICAL

Em Montemor-o-Novo

MONTEMOR-O-NOVO, 2. — Estiveram aqui, nesta vila, os delegados da Federação Corticeira que andam em missão de propaganda, tendo recebido alguns militantes rurais o oferecimento de instalarem na sede do seu sindicato, a associação dos corticeiros até esta conseguir uma sede própria. Os delegados dirigiram-se depois à fábrica de cortiça do sr. Contreiras, a única que neste momento, se encontra em laboração, sendo recebidos pelos corticeiros com verdadeiro entusiasmo.

A noite realizou-se uma reunião na sede do Sindicato dos rurais, tendo usado da palavra Gregório Matos que expôs succinctamente os fins que a Federação Corticeira tem em vista e a ação que ela vai desenvolver por todos os pontos da pista onde existem corticeiros, salientando a necessidade urgente que estes têm de fortificarem os seus sindicatos e vitalizarem a sua Federação de Indústria. Seguiram-se na mesma ordem de ideias Eduardo Braga, Ascenso Marafra e Artur Rochinha, aprovando-se depois unanimemente a constituição do seu sindicato e procedendo-se à nomeação da sua direcção que ficou assim constituída: Presidente, Ascenso Marafra; 1.º secretário, Gustavo Luís Costa; e tesoureiro, Guilherme Veríssimo.

Oxalá que estes camaradas saibam a hora fina a importante missão de que foram incumbidos e que com verdadeiro e belo entusiasmo aceitaram.

Inquilinato

E' este um dos assuntos que muito interessa ao proletariado e que a C. S. T., sob pena de traír a sua missão, não pode descurar.

Terminando em 31 de Dezembro do corrente ano a actual lei do inquilinato e andando já os senhores tramando no sentido de a modificar para pior, esta comissão julga de seu dever encarregar já tão magnifico assunto pelo que proporá ao Conselho Geral:

1.º A nomeação duma comissão com representação da comissão instaladora que junto do advogado do Conselho Jurídico estudará as alterações a fazer à lei de inquilinato.

2.º A comissão instaladora procurará pôr-se em contacto com a Associação dos Inquilinos Lisboenses a fim estudar e preparar, se tanto for necessário, a resistência ao inquilinato aos designios dos senhores.

Unidade sindical

Não podia esta comissão instaladora deixar de encarar este problema, um dos mais importantes, fundamental mesmo, para a vitalidade sindical.

Sobre todos os males este, quebra de unidade, foi o maior mal que atingiu o proletariado. Sem uma forte unidade e disciplina na ação a proletariado verá os seus objectivos, ainda os mais modestos, atingidos.

Quer a esta comissão que a C. S. T. saia do seu marasmo, cumpra a missão para que foi criada: realizando obra prática e vantajosa para o proletariado.

A'lém dos problemas: organização, horas, crise de trabalho e inquilinato, aqui expostos, há ainda uma vastidão enorme de problemas operários, como a carestia da vida, baixa de salários, etc., que devem ser estudados tentando dar-se-lhe adequada solução. Conhecedores da fraguesia da organização e do isolamento a que uma grande parte da massa trabalhadora a votou e conscientes da gravidade e importância dos assuntos a tratar, emitimos a opinião de que nada de viável se conseguirá sem que de novo o calor do entusiasmo das massas alcance e insufla vida à organização.

Para a série de trabalhos que a C. S. T. se propõe realizar é absolutamente indispensável o concurso e o trabalho de todos. É preciso mesmo que o proletariado apele ao máximo da sua força e energia se quiser ver conseguidas algumas das suas aspirações.

Absolutamente convencidos - de novo o afirmamos - de que uma forte unidade e disciplina na ação é a melhor arma que o proletariado pode manejear contra os seus inimigos a comissão instaladora proporá ao Conselho Geral:

1.º A convocação dum Congresso extraordinário dos sindicatos operários de Faro para o próximo mês de Outubro.

2.º A esse Congresso serão levados,

convertidos em tese, os pareceres das co-

missões do inquilinato, crise e horas de

trabalho, além de outros trabalhos de oportu-

nidade, interessando-se assim directa-

mente os sindicatos no robustecimento da

organização e conquistas operárias locais.

- A Comissão Instaladora.

Queixas e reclamações

Um patrão como há muitos

O operário Artur Vieira Gomes, numa carta que nos envia, pede-nos para que tornemos público que o seu patrão, João Ferreira Braga, rua Marques Sá da Bandeira, 55 e 57, reduziu os salários aos operários que tinha ao seu serviço, de 10\$00 para 6, 5 e 4.

Quexa-se ainda Artur Vieira Gomes que esse patrão reduziu também as refeições aos mesmos operários e as que fornece não se podem tragar.

INSTRUÇÃO

Desejando a Universidade Nacional de Educação ministras instrução às classes trabalhadoras da área de Alfama, resolveu abrir cursos diurnos e nocturnos de instrução primária e comércio, podendo todos os empregados no comércio, operários e seus filhos inscreverem-se nesses cursos, dirigindo-se todos os dias à sede da 2.ª secção instalada na Associação do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa na rua do Paraíso, n.º 28, 1.º, onde serão atendidos das 20 às 23 horas.

Esta Universidade conta promover viagens e passeios de estudo aos seus alunos, contando para isso com o valioso auxílio dos trabalhadores desta área, que se interessam pela instrução.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau da L. Press.

Mercados municipais

Doravante, nos mercados livres do município só será permitido o comércio de produtos hortícolas, carne e peixe. Os ocupantes de lojas ou terrados, que actualmente exercem outros comércios, serão intimados para dentro de 30 dias, modifiquem o seu comércio, nas condições do número anterior, sendo os que o não façam intimados a evacuar os seus lugares (lojas ou terraços) dentro de 60 dias.

O município considerou necessário a higiene e a estética demolir os barracões da rua 24 de Julho, actualmente mercados provisórios. Para esse efeito forçoso era acabar o grande mercado da mesma rua, cuja ala já acabada se encontrava abusivamente pejada de vários ramos de comércio, estranhos à índole do mercado.

Nos mercados municipais apenas deve ser explorado o comércio de produtos hortícolas, carnes e peixes.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Secção de Propaganda do Norte.

Recebemos ofício. Segue resposta.

Núcleo de Coimbra. — Recebemos ofício com as moças.

Gontinua a falta de notícias acerca da catástrofe da Horta



LUTA DE CLASSES

O CONFLITO NO "CORREIO DA MANHÃ"

A felonía de um moço integralista contra a classe dos tipógrafos

Novamente surge em cena o sr. Carlos de Ornelas, que pretende celebrizar-se pela sua felonía em todos os movimentos grevistas da classe dos compositores. Com o conflito deste diário, que poderia ser facilmente solucionado, se a respeição empresa, em lugar de persistir na infeliz nomeação do chefe Alfredo Marques, tivesse desistido da cooperação dessa criatura, aliás pouco recomendável, aparecem aqueles que se têm evidenciado nos actos de baixaria moral, e que, sem qualquer sentimento de dignidade, se prestam a desempenhar os mais desfetáveis papéis de trânsito aos sagrados interesses dos que trabalham. Entre estes, destaca-se a figura singular do sr. Carlos de Ornelas que, esquecendo o que deve a si próprio os principios de solidariedade do sindicato, pretende aliciar inconscientes, a fim de contribuir para a saída do supracitado jornal. Assim, já tem na oficina de que é gerente e suzerano, caixas e tipo do jornal em questão, supondo que este será o processo mais viável de armar a repelente raio a os incautos que vagabundiam pela classe sem terem a mínima noção dos seus deveres e dignidade profissionais.

Redeita mais uma vez a façanha que praticou quando a greve do jornal "A Epoca", em que, como é notório, colocou a sua oficina à disposição desse diário. No presente conflito, a sua atitude é ainda mais execravel, porque sabendo que a empresa do "Correio da Manhã" se vale dum estratagema, para o provocar e dele servir no intuito de aniquilar o humano regime de trabalho actual, conquistado pela classe gráfica à custa de indizíveis sacrifícios e dedicações — não teve relutância de se colocar ostensivamente contra uma classe.

A direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos, nessa emergência, rrgou com desvanecido orgulho a altitude nobre dos seus camaradas que não se deixam cair na raioira, e previne toda a classe que deve prever-se contra todos os expedientes, recusando-se a trabalhar de qualquer forma para o jornal em questão; enquanto o actual conflito não estiver resolvido.

Neste procedimento está a defesa dos seus interesses, porque a luta tomou um aspecto geral de toda a classe, em oposição ao cerceamento das suas caras regalias. A direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos.

Isto como solução provisória, evidentemente, até que em Portugal como em outros países se legisla, aliás como a moderna pedagogia aconselha, impõe a classe patronal a obrigatoriedade da concessão aos empregados de um número de horas diárias, semanal ou mensal para iniciação ou aperfeiçoamento profissional nos centros escolares.

A Comissão de Compilação e Revisão da Legislação Social, em tempo, discutiu e estudou proficiamente todos os possíveis obstáculos ao cumprimento da lei em questão.

Tudo foi ponderado, tudo obteve solução. Nesses termos require-se:

a) que seja dada imediata execução a doutrina inserida nos decretos n.º 5.516 e 17.782.

b) que sejam dadas instruções terminantes e perentórias às autoridades para que estas promovam uma fiscalização intransigente.

c) que se estabeleça hora fixa para abertura e encerramento dos estabelecimentos (das 9 às 19 horas) única forma de se não poder sofrer a crise de trabalho na construção civil.

O ministro apreciou número por número as medidas apresentadas tendentes à solução da crise de trabalho e de habitação, tendo garantido que depois de estudar mais detalhadamente o assunto, irá apresentar aos restantes membros do governo as conclusões a que tiver chegado, no sentido de serem postos em prática alguns pontos de facto importantes que a Federação da C. C. G. lhe apresentou.

A Comissão tratou também da situação das obras do Novo Manicómio de Lisboa e outras que estão prestes a paralisar por falta de verba, prometendo o ministro evitar que tal facto se dê, pois que reconheceu que essas obras uma vez paralisadas, os operários que nas mesmas trabalham virão a perder o já enorme número de desempregados.

Na observância da facultade expressa no art.º 20 do decreto n.º 5.516, a qual não deve ser atribuída exclusivamente a esta ou aquela Associação ou Sindicato Profissional, se bem que muito têm a lucrado os empregados no comércio se fiscalização referida nas alíneas anteriores a dispensasse.

d) observância da facultade expressa no art.º 20 do decreto n.º 5.516, a qual não deve ser atribuída exclusivamente a esta ou aquela Associação ou Sindicato Profissional, se bem que muito têm a lucrado os empregados no comércio se fiscalização referida nas alíneas anteriores a dispensasse.

e) que sejam dadas instruções terminantes e perentórias às autoridades para que estas promovam uma fiscalização intransigente.

f) que se estabeleça hora fixa para abertura e encerramento dos estabelecimentos (das 9 às 19 horas) única forma de se não poder sofrer a crise de trabalho na construção civil.

g) que sejam dadas instruções terminantes e perentórias às autoridades para que estas promovam uma fiscalização intransigente.

h) que sejam dadas instruções terminantes e perentórias às autoridades para que estas promovam uma fiscalização intransigente.

i) que sejam dadas instruções terminantes e perentórias às autoridades para que estas promovam uma fiscalização intransigente.

j) que sejam dadas instruções terminantes e perentórias às autoridades para que estas promovam uma fiscalização intransigente.</